DESCOLONIZAÇÃO E DESALIAENAÇÃO DO HOMEM DE COR

Fabson Calxito da Silva¹

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

Médico psiquiatra, ensaísta e intelectual negro, Frantz Fanon nasceu em 1925 na ilha da Martinica, uma ex-colônia francesa nas Antilhas. Morre cedo de pneumonia aos 36 anos de idade no ano de 1961 em Maryland, nos Estados Unidos. Na Argélia foi diretor do Departamento de Psiquiatria do Hospital Blida-Joinville e era membro da Frente de Libertação Nacional onde se empenhou na luta pela libertação deste país. Ficou conhecido como um revolucionário, pois durante sua vida empreendeu lutas em prol da população negra, lutando durante Segunda Guerra Mundial nas forças de resistência na África e na Europa. Figura emblemática na luta contra o colonialismo. Era o único negro entre os oitos filhos de pais sang mele.

Frantz Fanon é um pensador influente desde o decorrer do século passado, ao dedicar-se a temas como a descolonização e a psicopatologia da colonização. Seus escritos perpassam os campos do pensamento político e social, da filosofia humanista, da teoria da literatura e dos estudos culturais. Suas reflexões inscrevem-se a luz dos estudos pós-coloniais.

Este último sendo uma corrente baseada pela crítica literária, promove uma análise da sociedade pela via da crítica cultural, integrando-se de forma abrangente aos estudos culturais, mais que especificamente tem o mundo colonial como objeto de estudo. É uma abordagem iniciada desde o processo de descolonização nos anos 60 do século XX e tem por objetivo uma releitura crítica da experiência colonial e conseqüentemente seus efeitos dos processos societários contemporâneos, cujo conteúdo dispõe de uma narrativa legitimadora de

¹ Licenciado em Ciências Sociais e Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (PPGE/UFAL). E-mail: fabson123@yahoo.com.br

dominação e poder e de disposições subalternas no que se refere às questões de classe, raça, gênero, nação e etnia. Podemos então perceber a abordagem pós-colonial como uma teoria do discurso epistêmico que produz uma reescrita transnacional e transcultural global do mundo social, descentrada dos referenciais eurocêntricos com a finalidade de desconstruir a interpretação da colonização e da representação do sujeito colonizado pela ótica do colonizador.

É neste cenário que se insere o trabalho ora resenhado de Fanon, que tem por título “Pele Negra, Máscaras Brancas”. O título por si só, já carrega em seu bojo o conteúdo a que o autor se dedica no livro, qual seja, da condição do sujeito negro advindo da situação colonial dispondo-o numa impotência social, vítima de uma ideologia que ignora sua cor para encontrar-se como verdadeiro humano em um mundo branco. Este livro é um clássico do pensamento da diáspora africana e do pensamento psicológico, sendo inicialmente escrito para ser uma tese de doutorado em psiquiatria mais que foi recusada pela comissão julgadora. Nele, Fanon fala dos conflitos pós-coloniais vividos pela população Antilhana, especificamente dos povos da Martinica. Transforma-o em um tipo de manifesto anticolonial que preza pela libertação do homem branco do seu complexo de superioridade e respectivamente do homem negro do seu complexo de inferioridade. “Pele Negra, Máscaras Brancas” é escrito em 1952, reeditado em 1975, chegando ao Brasil apenas em 1983. Atentemo-nos para a temporalidade deste estudo clínico.

Ao delinear um quadro psicológico dos martinicanos por meio de um estilo surpreendente, Fanon se utiliza de vários campos ultrapassando barreiras intelectuais e acadêmicas como afirma o tradutor da edição brasileira, Renato da Silveira. Numa combinação entre a poesia, a prosa, a filosofia, a psicanálise, o cinema, a crítica literária e as análises clínicas, dá forma multidisciplinar ao seu texto. Se questiona como a identidade negra e a branca é construída através da colonização, julgando seus efeitos que por ventura moldaram sociedades psicologicamente doentes, particularmente para a sociedade antilhana. Vemo-lo então diante de um paradoxo, a do colonizador ou opressor que para dar autenticidade a sua superioridade utiliza-se do colonizado ou oprimido. E de maneira correspondente, o colonizado/oprimido precisa do colonizador/opressor para dar autenticidade ao seu lugar de vítima desse processo em busca de reparação.

De acordo com Fanon o negro enquanto homem negro foi enquadrado em um mundo de aberrações afetivas e alerta que é preciso retirá-lo deste fundo do poço. O negro passa a existir para o europeu quando o sistema colonial afirma a superioridade da raça branca frente à negra. Nesse sentido, o negro assume uma passividade em suas ações limitando-as ao que o branco pensa sobre ele, isto é, se o branco acredita ser o negro inferior, então o negro confirma sua inferioridade. “O negro quer ser branco o branco incita-se a assumir a condição de ser humano” (FANON, 2008, p. 27). Ao estabelecer um sócio-diagnóstico das diferentes posições que o negro assume da civilização branca e do complexo psicoexistencial da busca pela liberdade, o autor pretende mostrar o quanto este sujeito está preso a uma alienação da personalidade através do racismo e do colonialismo que acabam por construí-lo como negro, como sujeito socialmente subordinado. A tarefa de Fanon é então a desalienação dos negros. Isto implica para os pretos a tomada de consciência para a libertação do homem de cor de si mesmo.

O livro de Fanon se insere na discussão de como o “outro” é construído (ou será desconstruído?), como o preto constrói sua identidade diante da experiência colonizadora. Discorrendo das diversas categorias do ser colonial (a própria organização dos capítulos nos fornece esta ideia: 1 o negro e sua linguagem; 2 a mulher de cor e o branco; 3 o homem de cor e a branca; 4 sobre o pretense complexo de dependência do colonizado; 5 a experiência vivida do negro; 6 o preto e a psicopatologia e 7 o preto e o reconhecimento) por meio da observação da posição do preto na presença do colonizador, afirma que o negro antilhano se percebe como um branco e crer ser um verdadeiro branco na medida em que sua mente é predisposta pelas estruturas racistas a ser outro e não ele mesmo. O problema então não é o fato de ser negro, mas de ser negro diante do branco.

A formação destes sujeitos pela via da construção da identidade humana mediados pelo desejo de ser branco poder ser condicionada pelo fenômeno da linguagem. Afirma Fanon, ser a linguagem uma forma de existir para outro, de assumir uma cultura e uma civilização. Assim, o antilhano é capaz de se tornar branco de se tornar homem verdadeiro, quanto mais for capaz de tomar para si a língua francesa, os valores culturais da civilização da metrópole. Isto significa o falecimento e o esquecimento das suas origens culturais, um desvio

da sua inferioridade e a tomada de uma posição do complexo de inferioridade ao qual foi submetido pela situação colonial.

A mudança de estrutura ocorre sem nenhum tipo de reflexão do negro, o que ele mais deseja a partir deste deslocamento é a eliminação do sentimento de inferioridade de selvageria sendo a causa do distanciamento do ser branco.

Ao retratar da mulher de cor e de sua relação com o homem branco europeu, o autor nos mostra por que não predomina o verdadeiro amor enquanto a alienação psíquica do negro for um elemento presente, visível e determinante nas relações sociais. A busca pela brancura está no limite pela busca de um amor branco. É um comportamento doentio da mulher de cor, um eretismo afetivo na tentativa de assumir para si e de interiorizar determinados valores respeitáveis para o branco. Casar-se com o branco para assumir uma brancura é o sinal de alerta das características neuróticas e psicóticas do comportamento da mulher de cor. Pois, não conseguindo afirmar sua humanidade para o mundo, não podendo se afirmar enquanto sujeito-negro-humano no mundo, a alternativa é fazer-se branca através do seu corpo e do seu pensamento.

Um amor branco pode proporcionar o desejo de ser branco, pois é natural que os sujeitos amem como o europeu. O casamento com o branco abre as portas para uma igualdade no mundo da civilização. Por isso o negro não se satisfaz no seu mundo negro, neste mundo ele não é reconhecido. Para deixar de ser visto aos olhos dos brancos como selvagem e subalterno é importante que entre em seu mundo branco, assuma e interiorize os valores culturais do homem verdadeiro.

Nessa relação o negro tem o desejo de ser igualmente poderoso, de possuir as mesmas propriedades do ser e do ter do colonizador. Adotando subjetivamente uma atitude de branco, almeja a inversão dos papéis. É como se o negro colonizado desejasse tomar o lugar do colonizador, é uma relação de desejo de ocupação do lugar do outro, alimentada pela condição de superar a inferioridade cultural buscando no colonizador uma figura civilizadora e humana pronta para se imitar. Este processo bilateral orientado por uma situação neurótica mostra-nos que o preto é prisioneiro de sua inferioridade e o branco de sua superioridade determinando a alienação psicopatológica.

O preto na presença da sua raça é apenas um preto lutando para descobrir o sentido da identidade negra, por que a cultura europeia, a civilização branca impôs de forma violenta ao negro um deslocamento da sua existência enquanto humano, enquanto sujeito humano. A ideia do negro, do ser negro, da alma negra, são na verdade elementos de um mundo criado pelo branco para opor-se ao seu mundo, recusando a reconhecer o homem de cor enquanto homem e classificando-o apenas como um tipo de meio-homem. O negro diante desta imposição entra em conflitos internos para afirmar seu ser frente a um outro ser, pois o seu sistema de referência torna-se invisível por estar em contradição com uma civilização imposta como autêntica.

Fanon deixa bem claro que se o negro encontra-se imerso neste desejo de ser branco é por que ele vive em uma sociedade que cria e recria esta condição pela manutenção do complexo de inferioridade. A disposição destas estruturas sociais permite a permanência de conteúdos afirmativos e legitimadores da superioridade de uma raça frente à inferioridade de outra. Com a pretensão de tornar o homem de cor um sujeito de ação, o autor afirma que esse desejo inconsciente do complexo de inferioridade vivido pelo negro, deve ser corrigido por transformações das estruturas sociais que concebe este conflito e reforça o esteriótipo do negro pertencer a uma raça inferior.

“Pele Negra, Máscaras Brancas” é uma obra que oferece subsídios para a investigação científica das condições atuais vivida pelos negros em um mundo que apenas alcançou a igualdade jurídica e não a igualdade de fato. Seu conteúdo é eminentemente denunciador do racismo e da inferioridade sofrida pelos negros sob o julgamento do colonizador. Mesmo sendo um livro pautado na sua temporalidade, seus escritos carrega consigo um tom denunciador de práticas racistas permanentes no mundo de hoje. Fanon com certeza é um homem do seu tempo, mais seus estudos rompe com essa temporalidade.

A forma do livro a primeira vista é branda e macia, isto é, agradável aos sentidos pelo uso de poesia, prosa e literatura, mas ao mesmo tempo, seu conteúdo é impactante e radical ao dispor com propriedade os elementos constitutivos dos conflitos entre os sujeitos no período pós-colonial nas Antilhas ou quiçá hoje.

É sabido que Fanon escreve esta obra para um público próximo que possui as mesmas referências intelectuais e culturais. É provocativa por meio do uso de variedades de linguagens e de uma narrativa altamente conceitualizada. Sua leitura exige o domínio de certos conhecimentos prévios para se chegar ao mínimo de entendimento do estudo apresentado. Seu estilo é multidisciplinar. É preciso estar atento aos exemplos citados, pois estes não conseguirão alcançar a finalidade de auxiliar na compreensão da investigação se seus leitores não forem apresentados ao tempo e o lugar a que a obra se refere.

Finalmente, “Pele Negra, Máscaras Brancas” não é destinada somente para estudantes, especialistas e pesquisadores que tem a população negra, o racismo e os efeitos do pós-colonialismo como temáticas de investigação. A obra é destinada para os sujeitos de ação, para aqueles que pretendem compreender os efeitos constitutivos dos conflitos raciais e colocar-se a disposição para as mudanças das estruturas sociais na busca pela libertação do homem.

Recebido em: 01/10/2012. Aceito em: 14/10/2012.